

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
4 e 9 de Agosto de 2025
À FLOR DA PELE

LA PIEL QUE HABITO / 2011 A Pele Onde eu Vivo

Um filme de Pedro Almodóvar

Argumento: Pedro Almodóvar, com a colaboração de Agustín Almodóvar, baseado no romance “La Mygale” (1995), de Thierry Jonquet / *Diretor de fotografia (negativo em 35 mm, cópias em digital, cor):* José Luiz Alcaine / *Cenários:* Antxón Gómez / *Figurinos:* Paco Delgado / *Música:* Alberto Iglesias / *Montagem:* José Salcedo / *Som (Dolby Digital):* Ivan Marin (gravação), Pelayo Gutiérrez (montagem) / *Interpretação:* Antonio Banderas (*Robert Ledgard*), Elena Anaya (*Vera Cruz*), Marisa Paredes (*Marilia*), Jan Cornet (*Vicente*), Roberto Álamo (*Zeca*), Eduard Fernámbez (*Fulgencio*), José Luis Gómez (*o presidente do Instituto de Biotecnologia*), Blanca Suárez (*Norma Ledgard*) e outros.

Produção: El Deseo; Blue Haze Entertainment; Canal + España; Film National Entertainment / *Cópia:* digital (suporte original da distribuição) versão original com legendas em português / *Duração:* 120 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Cannes (competição oficial), 19 de Maio de 2011 / *Estreia em Portugal:* 17 de Novembro de 2011, em Lisboa, Porto, Aveiro e Coimbra / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

A sessão de dia 4 tem lugar na Esplanada 39 Degraus

La Piel que Habito, décima-oitava longa-metragem de Pedro Almodóvar, é um filme um tanto problemático no percurso do realizador, pelo facto de injetar uma atitude voluntarista no que parecia até então ser uma evolução parcialmente calculada e parcialmente espontânea da sua parte. A identidade do cinema de Almodóvar manifestou-se e definiu-se pelo tom sarcástico e deliberadamente caricato dos seus treze primeiros filmes, em que John Waters parece ser um dos modelos, de **Pepe, Luci, Bom y otras chicas de montón** a **Todo sobre mi madre**, num período que cobre mais de vinte anos. Como John Waters (que declarou aos que lamentavam a perda da agressividade no seu cinema que “*não se pode fazer aos cinquenta anos aquilo que se fazia aos vinte*”), os filmes do realizador espanhol modificaram-se, talvez precisamente a partir de **Mala Educación**. Perderam em sarcasmo o que ganharam em sentimentalismo, com a chegada de elementos abertamente melodramáticos, utilizados num tom sério, sem o menor sarcasmo. No cinema de Almodóvar a irrisão foi substituída pela pintura de sentimentos banais, muitas vezes com a ajuda de velhas e melodramáticas canções hispano-americanas e brasileiras, que fazem parte do arsenal das suas referências pessoais. Muitos foram os que lamentaram esta mudança de tom, julgando-a inadequada ao temperamento do realizador. Tony Rayns disse-o com clareza num artigo sobre **La Piel que Habito**: “*alguns realizadores florescem ao adotarem um estilo contido. Não é o caso de Almodóvar*”. No entanto, o juízo do crítico britânico é um tanto peremptório (**Dolor y Gloria** é certamente um dos pontos altos da obra de Almodóvar, mas nele há sentimentos sem que haja sentimentalismo), mas é facto que muitas vezes ele parece mais à vontade e mais sincero no sarcasmo no que na introspeção, tanto mais que o seu cinema é muito aut centrado e, por conseguinte, marcado por auto-referências. Além disso, o êxito internacional, que veio cedo, impõe um delicado diálogo com o público, que sempre espera por alguma coisa específica e “característica” em cada filme.

No contexto da evolução controlada (derrapagem controlada?) do cinema de Almodóvar, **La Piel que Habito** parece trazer um elemento novo ao que já era uma novidade, como observaram dois colaboradores de *Positif* numa entrevista com o realizador: “*Este filme parece marcar uma viragem no seu cinema. Ao passo que os seus filmes precedentes se*

*inscreviam no registo do melodrama, desta vez o seu olhar se dirige para o filme «noir» e o filme de terror”, ao que o realizador responde: “Tenho perfeita consciência desta viragem na minha filmografia, mas não sei dizer para onde ela vai levar-me. Em **La Piel que Habito** deixei de lado o lado melodramático para ir deliberadamente rumo ao gótico e ao filme «noir». O thriller é o género que mais me interessa atualmente. Inclusive enquanto espectador”, sublinhando que naquela altura tinha particular interesse por Fritz Lang e Jean-Pierre Melville, “dois autores que eu gostaria muito de imitar, que poderiam servir-me de modelos, embora as histórias que escrevo não se pareçam nada a Lang ou a Melville”. Esticando um pouco a corda, Almodóvar (que parece ter feito alterações importantes ao romance que serviu de ponto de partida ao filme, narrando do ponto de vista do cirurgião e não da vítima) vê no seu filme um paralelo com **Tristana**, de Buñuel, em que uma mulher vive sequestrada e chegou ao ponto de prestar homenagem a este filme no plano de abertura do seu, que reproduz tal e qual o plano geral sobre Toledo que abre o filme de Buñuel. Almodóvar também cita na entrevista a *Positif* uma referência/influência mais consistente: **Les Yeux Sans Visage**, de Georges Franju, em que um cirurgião sequestra mulheres jovens, para roubar-lhes a pele com a intenção de restaurar o rosto da própria filha, que fora vítima de um acidente, especificando: “a influência de Franju é evidente. **Les Yeux Sans Visage** era o único filme no qual eu pensava durante a rodagem. Como neste filme, eu queria contar uma história de terror, porém sem a parafernália dos medos e dos sobressaltos. Como no filme de Franju, eu buscava uma intensidade no terror que poderia ser definida como lírica, sem deixar de estar muito próximo da vida quotidiana dos protagonistas”.*

E o protagonista, o cirurgião que tem algo do “cientista maluco” de tantos filmes de *science fiction* do período clássico, é encarnado por Antonio Banderas, que tivera uma presença central nos primeiros filmes de Almodóvar, que o propulsaram para uma carreira internacional e não trabalhava com o realizador há mais de vinte anos, desde **Átame!** Tanto o realizador como o ator fizeram carreiras internacionais, mas Almodóvar permaneceu em Espanha, guardando legitimidade e autenticidade, ao passo que Banderas se passou para o que ainda se chama “Hollywood”, aparecendo em produtos cinematográficos incaracterísticos, nos quais as suas dificuldades com a língua inglesa sublinham cruelmente as suas sérias limitações como ator. Foi precisamente a mudança total da imagem e da presença de Banderas que interessaram Almodóvar. “*Convidei o Antonio para o papel devido ao que ele se tornou hoje: um quinquagenário sedutor, com um look à Cary Grant. Quis um ator que fosse fisicamente atraente, para que o seu personagem não tivesse logo à saída o ar de um psicopata. Queria que não se pudesse ler no seu rosto a sua verdadeira natureza criminoso, que esconde com cuidado. Para este papel, Antonio tinha o físico e a idade ideais. E claro que eu gostava de reencontrá-lo num papel diferente daqueles que ele fazia nos meus filmes dos anos 80. Em muitos aspectos, ele tornou-se um ator diferente. Não é uma pessoa diferente, mas nos vinte anos em que não trabalhamos juntos ele fez coisas que modificaram a sua técnica. Isto poderia ter sido problemático, se o Antonio não tivesse sido tão generoso e atento ao que eu queria. Tivemos que readaptar-nos um ao outro e isto foi um aprendizado*”.

Consciente de que a “*a pele é o que nos identifica e nos separa dos outros, é a fronteira entre os indivíduos*”, Almodóvar buscou um tom frio, a todos os níveis do filme. Quis que o protagonista, um perigoso psicopata, tivesse o ar de um *gentleman*, com tudo o que há de calculado e encenado no comportamento de um indivíduo desta espécie e pediu ao diretor de fotografia que procurasse dar à imagem o tom mais neutro possível. A intenção parece ter sido mostrar como normais comportamentos que são absolutamente bizarros. No filme tudo está de tal forma no sítio certo que se pode concluir que o realizador talvez tenha sido demasiado bem-sucedido, como observou o já citado Tony Rayns; “*o problema da história narrada é que não tem núcleo emocional e, por conseguinte, não tem nenhum impacto emocional*”, o que é um paradoxo especialmente curioso num filme de Pedro Almodóvar.

Antonio Rodrigues